

Saberes e poderes do general de Onassandro: Manual militar e condução de soldados

[Knowledges and Powers of Onassander's General:
Military Handbook and Soldiers' Leadership]

Ana Teresa Marques Gonçalves
(Universidade Federal de Goiás – LEIR-GO – CNPq.)
anateresamarquesgoncalves@gmail.com

Resumen:

Do I século d.C., chegou-nos o pouco estudado Manual Militar de Onassandro, intitulado *Strategikós*. Nesta obra, o autor nos apresenta apontamentos sobre as virtudes que deveriam dar forma ao caráter de um bom comandante militar, adequado ao contexto do Principado. Estas virtudes seriam postas em prática na formação dos soldados e na construção do acampamento militar. Neste artigo, buscamos refletir sobre o próprio conceito de Manual Militar, a partir dos novos temas e objetos de pesquisa impostos pela História Cultural, para repensar as informações coletadas da obra onassândrica. Enfatizamos as virtudes do general e sua aplicação no cotidiano das tropas, num momento em que o Império atingia uma de suas máximas extensões territoriais e o ato de governar se reformulava pela autarquia gerada durante e após o governo de Otávio.

Palabras claves: Roma – Exército – Manual Militar – Onassandro – General

Abstract:

An small, and rather understudied, Military Handbook of Onassander has come to us from the I century AD, whose title is *Strategikós*. In this work, the author presents the virtues that should shape the character of a good military commander, appropriate for the historical context of Principate. These virtues should have been put into practice to train the soldiers and to build the military camp. In this article, we reflect on the concept of Military Handbook, from the new themes and research objects posed by Cultural History, in order to rethink the information collected from Onassander's work. We emphasize the general's virtues and its application in soldiers' daily life, in a time when the empire has reached its highest territorial extension, and when, during and after Octavian's rule, the act of governing was reframed.

Keywords: Rome – Army – Military Handbook – Onassander – General

Recibido: 14/06/2015
Evaluación: 26/11/2015
Aceptado: 06/12/2015

Saberes e poderes do general de Onassandro: Manual militar e condução de soldados

Sob a denominação de Manual de História Militar, vários tipos de documentos textuais têm sido arrolados. David Paniagua Aguilar, na obra *El Panorama Literario Técnico-Científico en Roma (Siclos I-II d.C.)*, defende que durante a dinastia Julio-Claudiana gerou-se um campo propício para desenvolvimento de um tipo específico de literatura por ele denominada de técnico-científica. Seriam escritos nos quais o princípio informativo e didático superaria a preocupação com a beleza da exposição retórica do conteúdo. A proposta de Paniagua Aguilar é simplesmente dotar de um nome contemporâneo uma prática exercida na Antiguidade Latina: a de produzir material escrito sobre conhecimentos práticos em várias áreas, como a agricultura e a guerra. Sob a alcunha de manual técnico-científico antigo, este autor agrega obras como as de Catão, Varrão e Columela, sobre o conhecimento agrário, e as obras de Enéias, o Tático, Frontino, Polieno, Onassandro, Eliano, Vegécio, entre outros, no que concerne às atividades bélicas.¹ O que as aproxima seria a intenção de divulgar conhecimentos a respeito de uma certa *ars* ou *techné*, ou seja, sobre a possibilidade de se entrar em contato com informações práticas e mais antigas a respeito de uma atividade, o que permitiria ao leitor/ouvinte desenvolver certo saber técnico no que se referia a um determinado assunto. Ao final da leitura ou consulta de determinado manual, o consumidor da informação seria capaz de dirimir dúvidas sobre o tema e compreender melhor a arte de exercer certo ofício. Assim, tais manuais disporiam de forma didático-pedagógica um tipo de conhecimento recolhido do passado, mas capaz de dotar seu público de um saber facilmente utilizável no presente.

Desta forma, o principal motivo para elaboração deste tipo de obra seria a preocupação do autor em garantir a permanência de certo saber, mesmo com a ação inclemente do tempo no que se vincula às perdas causadas pela memória, se esta não for abundantemente alimentada de informações. São obras para resguardar certos saberes da ação do esquecimento. Além disso, os manuais têm por dever de ofício em sua elaboração serem úteis, isto é, agregarem conhecimentos capazes de garantirem o sucesso de uma ação, seja uma colheita abundante ou uma vitória militar, dependendo do assunto abordado.

Os manuais referentes às questões bélicas podem ser vistos como integrantes de uma literatura *de re militari*, em termos latinos, ou literatura polemológica, em termos gregos. Então, são obras que têm por mote o desenvolvimento de assuntos do campo

¹ PANIAGUA AGUILAR, D., *El Panorama Literario Técnico-Científico en Roma*, Salamanca, 2006, pp. 50-52.

bélico. Só que tal campo é bastante extenso, visto que congrega obras de jurisprudência militar (*ius militare*), nas quais se definiam, por exemplo, castigos a serem implementados a soldados traidores ou covardes; a literatura mecânica, voltada para a engenharia militar, para a construção de máquinas de guerra e de pontes, por exemplo; e a literatura preceptiva ou manualística da *ars militaris*, por vezes fundamentada com *exempla* retirados das historiografias grega e romana,² ramo este no qual se inclui a obra de Onassandro, ou *Sobre o General (Strategikós)*.

Neste amplo panorama de documentos textuais tão diversificados entre si, Brian Campbell divide a literatura manualística em duas subcategorias: preceitos de estratégia e tática, em que são frequentes os exemplos e as ilustrações históricas, e textos técnicos sobre treinamento militar, formações e armamentos.³ E complica a disposição da obra de Onassandro em apenas uma destas categorias, pois vemos em seu conteúdo referências aos exemplos do passado, mesmo que de forma indireta, e noções de treinamento militar e formação das linhas de combate, bem como conselhos sobre a disposição dos armamentos. Por isso, o próprio Campbell ressalta:

“Os escritores gregos e romanos militares não se encaixam facilmente numa só categoria. Essas obras eram em parte históricas (...), ofereciam uma orientação de caráter moral e algumas informações técnicas e práticas possivelmente úteis, mas também pretendiam entreter e deleitar as classes mais altas (...). Os manuais militares também serviam de plataforma sobre a qual os autores poderiam mostrar suas habilidades literárias, erudição e maestria num assunto técnico”.⁴

Assim, a obra de Onassandro se insere numa tradição de produção literária que remonta ao pré-socrático Demócrito de Abdera. Segundo Diógenes Laércio, Trasiló teria feito um catálogo das obras deste filósofo dentre as quais se sobressaía um tratado de tática militar,⁵ que infelizmente não nos chegou. A obra mais antiga que sobreviveu foi a *Poliorcética*, de Enéias, o Tático, escrita entre 360 e 356 a.C., no qual o autor apresenta uma série de conselhos e estratégias referentes à defesa de uma cidade assediada e de seus territórios adjacentes,⁶ o que demonstra a preocupação do período helenístico com o cerco às cidades e a necessidade estratégica de defendê-las.

Além disso, há vários autores helenísticos que se dedicaram à mecânica e à engenharia militar, como Ctesíbio de Alexandria, que viveu à época de Ptolomeu II Filadelfo, que foi um grande inventor; ou Fílon de Bizâncio, também do século III a.C., autor de um *Tratado de Mecânica*, em nove livros, do qual só nos restaram o quarto livro sobre a construção de projéteis e o quinto livro sobre pneumática e física aplicadas à

² DUTRA, L. M. de C. S., *Do General de Onassandro: Tradução e Estudo*. Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG, Belo Horizonte, 2010, p. 27.

³ CAMPBELL, B., “Teach yourself how to be a general” (pp. 10-25), *JRS* 77, 1987.

⁴ CAMPBELL, B., *Greek and Roman Military Writers*, Londres, 2004, p. 17.

⁵ DIÓGENES LAÉRCIO, *As Vidas dos Filósofos Ilustres*, Trad. Mário da Gama Kury, Brasília, 1992, XIII.

⁶ DUTRA, L. M. de C. S., *Do General de...*, *op. cit.*, p. 28.

guerra; ou ainda Bítton que escreveu entre 240 e 230 a.C. uma obra intitulada *Construções de Instrumentos de Guerra e Catapultas*.⁷ Todos estes orientais influenciaram os escritores que produziram suas obras sob o Império Romano, no século I a.C., como Ateneu, o Mecânico, e nos séculos I e II d.C., como Heron de Alexandria e Alexandre de Damas.

A passagem da República para o Principado, enquanto reorganização das instituições políticas romanas, com o advento de um regime de governo diferenciado, baseado na autarquia de Otávio, parece ter incentivado a produção de obras sobre táticas de guerra, como a de Asclepiodoto (no I século a.C.), denominada *Arte Tática*, em doze capítulos nos quais apresenta fundamentos militares básicos: diferentes organizações das falanges, a composição das fileiras, a disposição dos soldados, as armas mais apropriadas, as marchas, as manobras, o uso da infantaria pesada e leve, da cavalaria, dos carros de guerra e até dos elefantes. No I século d.C., temos a formatação dos *Strategemata* de Frontino, obra escrita entre 84 e 96 d.C., na qual, em quatro livros, o referido autor defende que o comando militar poderia ser preparado através de uma mera imitação de *exempla* e pela leitura de manuais, sendo uma emulação dos generais ilustres,⁸ fornecendo para isso grande gama de exemplos de estratégias militares bem sucedidas no passado. Esta mesma lógica para composição do discurso aparece nos *Estratagemas* de Polieno, obra dedicada aos Imperadores Marco Aurélio e Lúcio Vero, que estavam enfrentando no II século d.C. inúmeras tentativas de invasão do *limes* romano. Também data deste século, entre 106 e 113 d.C., a elaboração da *Teoria Tática* de Eliano, obra em que defende a constituição de um exército ideal, que parece, por sua vez, ter influenciado muito Vegécio, que no IV século d.C., por volta de 383 d.C., deu forma ao seu *Epitoma Rei Militaris*, no qual propõe um esquema ideal para a reconstituição das legiões após a Anarquia Militar e múltiplas derrotas romanas, como a da Batalha de Adrianópolis, defendendo um modelo romano de lutar baseado nas tradições mais antigas e num recrutamento e treinamento mais intenso das tropas. Segundo Delfino Ambaglio, tratados militares conservavam uma utilidade própria pela simplificação que operavam com relação aos livros de história, os quais deviam ser estudados pelos generais, visto que constituíam uma rica fonte de *exempla* a serem emulados.⁹

Vemos, desta forma, como a obra de Onassandro se insere num *corpus* documental bastante diversificado e que foi se construindo ao longo do tempo, atendendo às necessidades e demandas de contextos históricos também diversos. Chegaram-nos da obra 24 manuscritos, dentre os quais os mais antigos datam do século X d.C., especialmente sob a impulsão do Imperador bizantino Leão VI, que estimulou no Oriente o retorno ao estudo dos tratados de tática, estratégia e poliorcética.¹⁰ A

⁷ DUTRA, L. M. de C. S., *Do General de...*, op. cit., p. 29.

⁸ FRONTINUS, *Stratagemas*, Trad. John Fitzwilliam, Cambridge (Ma.), 1925, II.5-7.

⁹ AMBAGLIO, D., "Il Trattato sul Comandante di Onasandro" (pp. 353-377), *Athenaeum* 59, 1981.

¹⁰ DUTRA, L. M. de C. S., *Do General de...*, op. cit., p. 15.

primeira tradução para o latim foi publicada por Nicolaus Secundinus em 1494. Destacamos uma tradução para o francês em 1546, produzida por Jean Charrier, e uma tradução para o inglês em 1928, feita por William Oldfather.

Acreditamos que a retomada paulatina do estudo destas obras bélicas menos conhecidas tem se dado pela própria alteração na concepção de História Militar, hoje mais próxima de uma História da Cultura Militar. Ampliaram-se os temas que cercam os campos de batalha. São considerados do campo militar elementos até então vistos como periféricos à narração das batalhas. Lembremos que a própria constituição do gênero histórico foi marcada pela escolha de temas militares na realização das narrativas, como as de Heródoto, sobre as guerras Greco-Pérsicas, e de Tucídides, sobre a Guerra do Peloponeso. Isto se deu pelo fato dos antigos verem a eclosão de conflitos como motor de transformações profundas dignas de nota nas sociedades envolvidas na contenda. Mas uma leitura mais atenta percebe que tanto nas *Histórias* quanto na *História da Guerra do Peloponeso*, há muito mais do que a mera narração de batalhas. Heródoto discursa sobre as origens, características étnicas, valores, dos povos envolvidos, e Tucídides narra os inúmeros discursos ocorridos, por exemplo, na *Ecclesia* de Atenas antes e durante as primeiras fases do conflito. Com a estipulação de uma cultura militar, na qual se observam e analisam os valores envolvidos, as posturas éticas, os componentes econômicos, os dados religiosos, entre outros, a História Militar ganhou novo vigor investigativo, abrindo-se espaço para a retomada crítica da obra de Onassandro, na qual não se narra uma única batalha.

Sobre Onassandro, sabemos muito pouco. Temos conhecimento de três referências à sua existência e a de seu tratado militar. João Lídio, historiador bizantino nascido na Lídia por volta de 490 d.C., autor da obra *De Magistratibus Reipublicae Romanae*, na qual fornece detalhes sobre o governo de Justiniano e recompila obras sobre a História de Roma, numa lista de escritores militares, cita Eliano, Arriano, Enéias, Apolodoro, Juliano, Frontino, Claudiano e Onassandro. Já o já citado Leão VI, Imperador bizantino de 886 a 912 d.C., na obra *Táticas*, também menciona um Onassandro que organizara uns escritos sobre estratégia militar. Uma nota na *Suda*, por sua vez, uma compilação bizantina do século X de caráter enciclopédico e lexicográfico, criada durante o reino de João Tzimisces (969-976 d.C.), com cerca de 30 mil verbetes sobre literatura, história, geografia, etimologia, gramática, biografia, teologia e ciências naturais da Antiguidade grega e romana, informa-nos da existência de um certo Onassandro, filósofo platônico, que teria escrito *Táticas sobre Estratagemas* e *Comentários à República* de Platão.¹¹ Podemos perceber que o que reúne as três referências é o nome que se repete e sua vinculação a assuntos militares. Na primeira obra, resgata-se uma informação sobre os poderes e deveres dos líderes militares entre os romanos disposta numa obra onassândrica não nomeada; na segunda, algumas táticas como descritas por Onassandro; e a terceira, trata-se de um verbete de duas linhas, no qual temos o nome

¹¹ DUTRA, L. M. de C. S., *Do General de...*, op. cit., p. 7.

do autor, sua adesão à filosofia platônica e a referência a duas de suas possíveis obras. A obra que nos chegou sob autoria de Onassandro não é nenhuma das duas referidas e nem podemos, por sua leitura, afirmar sua adesão ao platonismo.

Porém, há autores que buscam fazê-lo. Alessandro Corneli vê na obra uma racionalidade intrínseca da estratégia militar que teria origem platônica e estaria fundamentada na preparação “psicológica” e teórica dos chefes. Afirma Corneli:

“A recusa em atribuir os graus elevados aos nobres de nascimento por sua origem – e a atribuição desses graus àqueles que demonstram ter adquirido as sabedorias e competências necessárias– reproduz o esquema platônico dos sábios que são chamados a reger o Estado. (...) A nobreza de estirpe não deve, per se, constituir um privilégio”.¹²

Tal afirmação busca encontrar na obra onassândrica ecos de um líder de Estado, o sábio platônico, que não percebemos em nossa leitura. Onassandro se atem a questões militares, às virtudes que um bom general deve deter e/ou desenvolver para ser um líder correto, capaz de garantir a vitória em seus empreendimentos bélicos. Sabemos que no momento de elaboração da obra, posterior às lutas travadas por Mário e Sila, Pompeu e Júlio César, Otávio e Marco Antônio, a posição do general enquanto líder também político foi sendo construída. O general onassândrico é apresentado como um condutor de homens, sem dúvidas, mas não especificamente um governante de Estado, no sentido que lhe é imputado na Antiguidade. As virtudes ressaltadas caíam bem em qualquer cidadão, mas num general são fundamentais para conseguir a adesão das tropas.

É a dedicatória a Quinto Verânio, logo no início da narrativa, que marca a possível data de elaboração da obra entre 49 e 59 d.C.:¹³

“A livros sobre cavalaria, caça ou pesca, como também a tratados agrícolas, julgo adequada uma dedicatória aos homens cujo desejo por tais trabalhos perdura. Mas um sobre a teoria estratégica, Quinto Verânio, cabe dedicar aos romanos. Principalmente àqueles dentre os romanos que alcançaram a aristocracia senatorial, e que, sob a sabedoria de Augusto César, vêm sendo designados para a magistratura de Cônsul, tanto graças ao treinamento, no qual não pouca experiência têm, quanto à reputação dos ancestrais”.¹⁴

Por esta sucinta dedicatória, vemos que o próprio autor sabia que seu público seria restrito, mas que o assunto deveria interessar a todos os romanos. Por isso, cita Verânio

¹² CORNELI, A., *L'Arte di Vincere: Antologia del Pensiero Strategico*, Napoli, 1992, p. 121.

¹³ Utilizamos as seguintes traduções de guia para a execução da nossa tradução da obra de Onassandro: ONASANDER, *Aeneas Tacticus, Asclepiodorus, Onasander*, Trad. William Oldfather, Cambridge (Ma.), 1986 (Loeb); ONOSANDRO, *Il Generale*, Trad. Corrado Petrocelli, Bari, 2007; DUTRA, L. M. de C. S. *Do General de..., op. cit.*

¹⁴ ONASSANDRO, *Sobre o General*, I.1.

como um exemplo de cidadão romano, pertencente à aristocracia senatorial e eleito para o Consulado, no qual teria que exercer atividades militares exatamente ocupando o generalato nas legiões. Refere-se à sua eleição como sendo fruto de treinamento, experiência e reputação dos ancestrais.

Lembremos que não havia treinamento militar no mundo romano como o pensamos no mundo moderno. Os rapazes da elite acompanhavam muitas vezes o pai, quando este exercia comandos militares e liam livros concernentes ao tema da arte bélica. Recordemos, por exemplo, a origem do nome Calígula, “botinhas”, recebido pelo Imperador Caio César quando criança e quando acompanhava o pai, Germânico, em visitas aos acampamentos, portando botas militares que pareciam grandes demais para seu diminuto corpo infantil, comportamento este de onde procede sua alcunha. Como atenta Adrian Goldsworthy, quando se questiona se um general depende de suas habilidades militares para evoluir na carreira e levar seus exércitos à vitória, fica patente que o grau de conhecimento militar a ser ganho em serviço, particularmente como Tribunus ou Cônsules, dependia enormemente das inclinações individuais. Não havia nenhum sistema formal de treinamento de soldados, nenhuma escola militar em tempo algum da história romana, de forma que, nesse sentido, todos os comandantes romanos foram amadores.¹⁵

Quinto Verânio gozou de grande prestígio no I século d.C. Foi enviado a Lícia como *Propraetor* em 23 d.C. pelo Imperador Cláudio, para conformar a área como província.¹⁶ Devido ao sucesso no cargo, foi elevado à condição de Cônsul em 49 d.C.¹⁷ e de 54 a 58 d.C. foi *Legatus Augusti Propraetore* na Britânia,¹⁸ onde morreu em combate em 59 d.C. Como não se acredita numa dedicatória póstera, a produção e divulgação dos escritos onassândricos devem ter ocorrido entre a ascensão ao Consulado em 49 e a morte de Verânio em 59 d.C. Além disso, no proêmio, chama o período em que elabora sua obra de *pax augusta (ten sebastén eirénen)*, ou seja, o período após a supressão das guerras civis com a formação do Principado de Otávio e de seus sucessores:

“Ofereci este livro primeiro aos romanos, não porque sejam inexperientes em estratégia, mas confiando principalmente nisto: no fato de que a ignorância da alma não percebe nem mesmo aquilo em que tem sucesso, enquanto o conhecimento, por sua vez, traz testemunho adicional sobre o que já está bem. Portanto, se outros tantos também parecem ter refletido sobre as coisas de que tratei, ainda assim devo ser apreciado, pois não só compilei preceitos estratégicos, mas também visei à estratégia e à sabedoria prática nela implícita. Serei bem afortunado se as coisas conquistadas pela capacidade e através dos feitos dos romanos, essas, junto aos tais homens, provar-me capaz de abranger no livro. Resta-me dizer, confiante no tratado, que será tanto um aprendizado para os bons generais quanto um objeto de deleite para os velhos líderes no decorrer da *pax*

¹⁵ GOLDSWORTHY, A. K., *The Roman Army at War*, Oxford, 1998, p. 122.

¹⁶ DION CASSIUS, *Roman History*, Trad. William Heinemann, Cambridge (Ma.), 1981 (Loeb), LX.17.3-4.

¹⁷ TÁCITO, *Anais*, Trad. Leopoldo Pereira, São Paulo, 2005, XII.5.

¹⁸ *Ibid.*, XIV.29.1.

augusta. E ainda saberemos, se nada mais, porque motivo alguns dos generais falharam, vindo a arruinar-se, e outros, agindo bem, elevaram-se à fama".¹⁹

Tal período, que sucede a suspensão das guerras civis, foi marcado pela restrição dos combates às fronteiras e pela preocupação constante em manter o território conquistado, ao invés de continuar com as campanhas de expansão territorial. Então, é mister para o autor explicar o motivo de ter elegido um tema bélico para seu trabalho de escrita num momento de relativa paz. E Onassandro o faz de forma bastante perspicaz. Primeiro, destaca que os romanos como grandes combatentes que eram não precisavam de aulas de estratégia, mas que seu trabalho auxiliava que os feitos dos romanos implementados até então não se perdessem com o passar do tempo, mas que fossem recordados para sempre e que servissem como fonte de exemplos para os vindouros. Em segundo, ressalta que se trata de um trabalho de compilação, isto é, ele vai se apoiar em outros autores anteriores que também versaram sobre assuntos bélicos, o que nos leva a inferir que o gênio e a originalidade da obra onassândrica, assim, se revela na seleção e na disposição do conteúdo. Em terceiro, enfatiza que elaborou um tratado que concilia estratégia (a *epistème* do combate), quer dizer a teoria bélica, com a tática (a *techné* do confronto), com o saber prático, tomando sua leitura ainda mais útil ao público. Em quarto, justifica a eleição do tema num período de paz: o tratado teria serventia tanto para os generais em ação quanto para os já retirados dos serviços públicos, pois poderiam refletir sobre más decisões tomadas por aqueles que encontraram a ruína e sobre as boas decisões que garantiram a boa fama para outros. A fama faz par com a glória no mundo romano e é devida aos que exercem importantes ações que trazem grandes ganhos para a comunidade política de Roma.

Ainda no proêmio, Onassandro indica que as vitórias bélicas e as ações dos líderes militares não advêm da ação da Fortuna totalmente, mas que podem ser construídas de forma eficaz ao se deter o conhecimento adequado a cada empreendimento:

"Consideraremos especialmente a virtude dos romanos, pois que nenhum rei, nenhuma cidade, nenhum povo tornou-se senhor de tão magna supremacia, tampouco dirigiu-se a uma mesma posição que assegurasse por tanto tempo uma dominação constante. Pois como me parece, não entenderam sua primazia por acaso, ultrapassando as fronteiras da Itália rumo aos confins da terra, mas por meio de práticas estratégicas. De fato, é preciso rogar também à Fortuna (*Tyché*), para que ela venha em ajuda, mas não se pode pensar que ela tem o controle sobre tudo. Ignorantes aquele que apontam tão somente a Fortuna como causa das derrotas (e não a distração dos generais) e das vitórias (e não a experiência dos comandantes), já que não é razoável deixar completamente impune o derrotado como se a Fortuna tivesse culpa por tudo. Tampouco é justo deixar o vitorioso tão privado de testemunhos de seu louvor, que se venha a atribuir à Fortuna a graça de tudo."²⁰

¹⁹ ONASSANDRO, *Sobre o General*, I.2-4.

²⁰ ONASSANDRO, *Sobre o General*, I.5-6.

E é com o intuito de auxiliar a ação da Fortuna que Onassandro nos legou uma obra que recolhe diversos conselhos para que um homem se transforme num excelente general e condutor de homens. Ainda no proêmio, ele estipula:

“Já que, por natureza, todos os homens só confiam verdadeiramente nos que parecem ter escrito a partir das experiências, mesmo que relatando de forma ineficaz, e não se fiam nos inexperientes, em vista da ausência de comprovação, ainda que os escritos sejam viáveis para se por em prática, julgo necessário antecipar o seguinte sobre os estratagemas reunidos neste livro: todos eles vêm da experiência de labores e à custa de tais homens, dos quais descende toda a primazia dos romanos, em raça e virtude, até então. De fato, este tratado não compreende nenhuma improvisação da parte de uma mente não bélica e juvenil. Tudo o que segue é conseqüência de práticas e conflitos autênticos, principalmente dos romanos. Pois as coisas que fizeram e que cuidaram de não padecer e os meios pelos quais engheraram fazê-lo, tudo foi reunido por mim”.²¹

A partir deste excerto, percebe-se que o autor não foi um general, mas pelo estudo e pela pesquisa coletou informações sobre a formação de um grande líder, advindas de outras obras compostas por homens com saber bélico. Ele ressalta que o que relata é autêntico, realmente aconteceu da forma como narra, e por isso pode servir na prática do combate. Assim, garante a veracidade de seu relato por um duplo fator: vir da realidade e ser útil. Deste modo, pode ser empregado pelo general para garantir o sucesso da empresa bélica pela emulação dos exemplos dados. Mais tarde, Quintiliano, em *De Institutione Oratoria*, reafirma a importância dos exempla frente aos *praecepta* (preceitos, instruções teóricas):

“É ainda mais importante que saibamos e reflitamos continuamente sobre todos os ditos e feitos nobres que nos foram legados pelos antigos. E certamente não acharíamos maior ou mais notável depositário deles do que os escritos de nossa própria pátria. Quem ensinará coragem, justiça, lealdade, auto-controle, simplicidade e desprezo pela tristeza e pela dor melhor do que homens como Fabrício, Cúrio, Régulo, Décio, Múcio e incontáveis outros? Pois se os gregos levavam a palma dos *praecepta*, Roma é capaz de produzir *exempla* mais admiráveis de proezas morais, o que é algo maior”.²²

O conjunto de virtudes que marcava o comportamento dos cidadãos romanos devia se elevar no general, pois das ações deste dependia a vida de muitos homens. Por isso, a obra de Onassandro é marcada pela delimitação das qualidades que deveriam burilar o caráter do comandante militar, além das melhores estratégias e táticas a serem implementadas nas conquistas e na forma de levar esta autoridade aos comandados, por meio principalmente das constantes exortações às tropas, buscando persuadir,

²¹ *Ibid.*, I.7-9.

²² QUINTILIANUS, *De Institutiones Oratórias*, Trad. James Frinckell, Cambridge (Ma.), 1948 (Loeb), XII.2.29-30.

exaltar ou reprimir a soldadesca. Para o desenvolvimento das virtudes, destaca o temperamento e as inclinações individuais do general. Este deveria ter no mínimo certo conhecimento de tática (formações, manobras, uso da cavalaria e de tropas ligeiras, meios de aproveitar o terreno), de geografia (conhecer as regiões a serem atravessadas em marcha e o campo de batalha), de astronomia (orientação de espaço e tempo e interpretação de auspícios) e de retórica (fazer anúncios e exortações). A fala de Onassandro ocorre quase sempre no imperativo na terceira pessoa do singular: “O General tem...”; “O General deve...”; “Aconselha-se...”; “Deve-se...”; “Pode-se...”.

E é assim que ele destaca as principais virtudes do líder militar logo após o próêmio da obra:

“Por conseguinte, assevero que o general não deve ser escolhido a julgar pela estirpe, como os sacerdotes, nem pelas posses, como os ginasiarcos, mas por ser temperante controlado, sóbrio, frugal, árduo trabalhador, atento, sem apego ao dinheiro, nem jovem, nem velho e, se possível, pai de crianças, competente no discursar e de boa reputação”.²³

Deve também escolher a dedo seus tribunos, legados e centuriões, “nomeando os mais favoráveis à pátria, os mais confiáveis, os mais vigorosos e, então, nada barraria os mais bem providos e os mais bem nascidos”.²⁴ Dever-se-ia testar-lhes o caráter permitir que os que “têm em abundância sejam capazes de gastar com os soldados e fazer-lhes doações”.²⁵ Teria também que se cercar de bons conselheiros, porém:

“Não deve ser tão instável no propósito que desconfie totalmente de si mesmo, nem tão presunçoso que não suponha algo da parte de outrem ser mais bem pensado do que da sua parte, pois é certo que tal homem, ao dar atenção a todos e nenhum crédito a si mesmo, tomaria muitas atitudes prejudiciais; ou, então, não ouvindo nem um pouco dos outros, mas tudo de si próprio, cometeria muitos erros terríveis”.²⁶

Assim, a estes elementos indicados como virtudes do bom líder militar soma-se o ser competente no discurso:

“Julgo que daí há de vir o máximo de vantagem para o exército. Se o general impele à batalha, o poder encorajador do discurso faz desprezar os perigos e desejar as coisas nobres. Uma corneta (*salpige*) retumbando nos ouvidos não acorda tão bem os ânimos para o conflito do prélio quanto um discurso proferido para o incitamento à virtude combativa ou desperta a inteligência a lançar-se como um dardo contra os perigos. E se algum infortúnio ocorre ao exército, o poder consolador do discurso vem revigorar os ânimos. O discurso de um general é de tal

²³ ONASSANDRO, *Sobre o General*, II.1.

²⁴ *Ibid.*, III.3.

²⁵ *Ibid.*, III.5.

²⁶ *Ibid.*, III.3.

modo eficaz para aliviar os infortúnios nos exércitos acampados que é muito mais útil do que os médicos que se ocupam dos feridos, pois com seus remédios eles cuidam unicamente daqueles, enquanto o general põe mais bem dispostos os que padecem e ainda desperta os sadios. E assim como as doenças invisíveis têm um tratamento mais difícil do que as visíveis, é mais complicado curar os ânimos abatidos consolando com o discurso do que tratar uma doença que se evidencia na superfície do corpo. Nenhuma cidade enviará um exército sem generais, tampouco escolherá um general sem a capacidade de discursar”.²⁷

A *adlocutio*, discurso proferido antes de uma batalha ou de uma marcha, saindo da cidade ou acampamento, em direção ao campo de batalha, pelo general, e a *profectio*, discurso após o retorno das tropas, principalmente vitoriosas, faziam parte da arte oratória latina. Onassandro eleva a prática a uma das principais funções de seu general ideal e por isso a capacidade oratória se torna fundamental para um bom líder. O discurso de exortação curaria os ânimos antes e depois das contendidas. Bem formulado e bem proferido, tal discurso acalmaria ou agitaria os ânimos. Para Onassandro, nenhum homem iria à guerra sem motivo e mataria um inimigo sem uma boa justificativa para isso:

“Digo que é necessário que os princípios da guerra, principalmente, sejam combinados com prudência e que o combatente torne-se claro par todos como estando do lado do que é justo, pois assim até os deuses, companheiros de combate, tornam-se favoráveis aos soldados e os homens enfrentam os perigos mais avidamente. Porque estão cientes de que não estão tomando a iniciativa, mas defendendo-se (...). Portanto, é preciso que o general anuncie primeiro, através de discurso ou de embaixadas, o que deseja obter e o que não deseja conceder, a fim de que pareça que, em não concordarem os inimigos com o que era reclamado, foi por necessidade e não por escolha que conduziu para fora a força para que guerreasse, chamando a divindade como testemunha de que atacam sem provocar a cólera divina”.²⁸

O discurso do general deve dispor bons argumentos para se começar uma guerra, tornando-a justa em seu propósito e equânime em seu término. Durante uma campanha mais longa, os discursos devem ser proferidos de forma constante. Alerta Onassandro que se deve infundir confiança e medo no próprio exército, em momento oportuno, por meio de preleções:

“Assim como a recuperação da confiança pelo exército, quando em momento oportuno, é benéfica, também o medo é proveitoso, pois, quando um exército está ocioso e inclinado a desobedecer aos líderes, é preciso dar sinais dos perigos dos inimigos, mais do que tudo, fazendo temíveis as reservas daqueles. Não será covarde assim procede, mas seguro, pois, enquanto nos desânimos é imperioso estar confiante, nos períodos ociosos é mister temer. O medo faz covardes os

²⁷ *Ibid.*, II.13-16.

²⁸ *Ibid.*, V.1-3.

corajosos e cautelosos os precipitados. Ambas as coisas sucedem aos exércitos: tanto temerem de tal forma os inimigos que não queiram enfrentá-los, quanto estarem tão confiantes que não se resguardem. Diante de cada uma dessas coisas é preciso que o general se organize e saiba quando tem de fazer o adversário parecer fraco, por meio do discurso e da feição, e quando deve fazê-lo parecer mais terrível e temível”.²⁹

Mas não só para ditar o ânimo das tropas o general deve tomar a palavra. Como estratégia de guerra, anunciando boas notícias aos subordinados enquanto passa a cavalo ao lado das fileiras, mesmo que estas sejam falsas, a fala do general é vantajosa. Onassandro propõe um tipo de *métis*, uma astúcia guerreira, que permite que o general divulgue um falso comunicado em plena contenda. Ele ensina que:

“Enquanto estiver cavalgando ao longo do exército em formação, se calhar de estar na ala direita, o general deverá gritar aos seus: ‘Os homens da nossa ala esquerda estão derrotando a ala direita do inimigo’. Mas se estiver na ala esquerda, deverá dizer-lhes que a sua ala direita está vencendo, esteja isso acontecendo verdadeiramente ou não, pois contar uma mentira é necessário quando um grande conflito se levanta. Assim como quando o chefe dos inimigos encontrar-se a certa distância [...] é necessário bradar: ‘Morreu o general inimigo’ (ou o rei ou quem quer que seja o líder). E é preciso bradá-lo de tal forma que até os inimigos possam ouvi-lo. Pois os seus, ao escutarem que o lado deles é mais bem sucedido, ganharão coragem e tornar-se-ão duplamente impetuosos. Quanto aos adversários, ao ficarem sabendo de sua própria derrota, perderão o ânimo e é possível que até partam em fuga depois de receberem tal notícia. Portanto, muitas vezes é útil enganar tanto os seus quanto os inimigos; mentindo àqueles com notícias melhores, a estes com notícias piores”.³⁰

Para Onassandro, o campo militar é o espaço do imponderável, do surpreendente, do imprevisível, por isso o uso da astúcia como arma poderia garantir a vitória sem colocar em cheque a honra do general e a justeza da campanha. Por três vezes no relato ele compara a guerra ao mar e o general a um capitão de navio:

“Assim como desde o porto havendo equipado o navio e tendo feito tudo quanto lhe cabia, o bom piloto precisa contar com a sorte, assim também é vergonhoso e perigoso que o general, tendo indicado um movimento de guerra de modo a conduzir o exército imediatamente por mar e por terra, depois revolva a popa”.³¹

Outra passagem seria:

²⁹ *Ibid.*, XV.1-2.

³⁰ *Ibid.*, XXIV.1-3.

³¹ *Ibid.*, V.5.

“Assim como os pilotos em face de uma viagem marítima partem dos portos com tudo preparado par a nau e, quando cai uma tempestade, não fazem o que desejam, mas o que são impelidos a fazer, muitas vezes até mesmo expondo-se bravamente ao perigo premente em virtude do acaso, e sem evocar a recordação da experiência passada, mas buscando o auxílio das oportunidades, do mesmo modo os generais dispõem sua tropa como julgam vantajoso para eles, e quando a tempestade da guerra acerca-se, enfraquecendo e desviando muitas vezes, e trazendo circunstâncias variadas, a aparição dos eventos diante dos olhos requer reflexões a partir das oportunidades”.³²

Ou ainda:

“Da mesma forma que, se um piloto, abandonando o timão, fizer ele mesmo as coisas que cabem aos marinheiros fazer, poderá acontecer de o navio ficar a perigo; assim também, se um general, desviando-se da elaboração de algum plano com a sabedoria, rebaixar-se às funções dos soldados, o desgovernado descuido da totalidade tornará inútil até o auxílio mais necessário”.³³

Frente ao mar revolto da guerra, o general tem que ser “prudente no agir e cauteloso no vigiar”.³⁴ Outro ponto importante no que concerne à arte oratória do líder combativo é que no pensamento onassândrico o general deve proceder a um tipo de *performance*, ter uma feição adequada ao que está falando. Como destaca Paniagua Aguilar:

“Onassandro reclama a necessidade de uma determinada *actio*, porque, ao fim e ao cabo, o general deve representar um papel fazendo ver seu bom estado de ânimo em uma situação adversa. A *pronuntiatio* acompanhava o discurso elaborado retoricamente da correta cadência da voz e de movimentos corporais concordantes com as posições assumidas no próprio discurso. Essa representação vai um passo adiante com a incorporação da *actio*, porque se um orador queria transmitir a impressão de que uma circunstância estava revestida de gravidade, não podia limitar-se a manifestá-la no ato da execução da alocação, em sua *performance*, mas devia fazer uma atuação em conformidade com a imagem da situação que pretendia transmitir (...). Em suma, a persuasão pretendida fracassa em seu propósito porque a atitude do orador-general trai suas próprias palavras”.³⁵

Como cabe ao comandante passar por vezes informações estrategicamente equivocadas, esperando gerar um certo ânimo e/ou ação, este necessita pela aparência, pelos gestos e pela voz imprimir veracidade no que é dito, senão o estratagema fracassa e não se consegue predispor o ouvinte à ação. O general ideal deve ter *auctoritas* na ação para tê-la também na fala. Só a crença na capacidade do emissor leva

³² *Ibid.*, XXXIII.10.

³³ *Ibid.*, XXXIV.2.

³⁴ *Ibid.*, XI.21.

³⁵ PANIAGUA AGUILAR, D., *El Panorama Literario...*, op. cit., p. 9.

o ouvinte a agir em conformidade com o que lhe é pedido ou ordenado. Para tanto, ele deve servir de exemplo para a tropa. Ainda que não recomende sempre o combate direto, Onassandro nota que “é necessário mostrar-se amante do perigo aos soldados, para provocar-lhes o ardor combativo”³⁶ e estar sempre presente, cavalgando ao longo das fileiras, estando próximo dos que correm perigo, elogiando os corajosos, ameaçando os covardes, encorajando os que hesitam, ocupando lacunas e prestando socorro aos exauridos.³⁷

Luíza Dutra ressalta que 27 vezes no manual aparece o termo *kairós* ou derivados, que denunciam a constante necessidade de o general estar atento às circunstâncias e de agir sempre no momento oportuno, sem antecipar-se demais, nem se atrasar.³⁸ O controle do tempo parece-lhe fundamental nas operações bélicas. Onassandro fornece um exemplo prático do assunto. Quando se combina um encontro com traidores do exército inimigo é preciso não chegar nem cedo, nem tarde demais, mas no momento oportuno, porque se “se aproximar do acampamento inimigo mais rápido do que devia”, será “flagrado antes dos traidores estarem prontos e assim será frustrado na empreitada”, e se “chegar tarde demais” poderá ser “causa da morte dos traidores flagrados”, não vindo a cumprir nada do planejado.³⁹ De igual maneira, todos os discursos devem ter uma duração razoável, segundo o bom senso do general e o sentido do equilíbrio e do meio termo que marca toda a obra, pois segundo Onassandro: “uma única hora, ou mesmo um só minuto, pode levar à ruína os que chegam cedo ou tarde demais”.⁴⁰

Só após apresentar o general ideal, repleto de virtudes vinculadas ao sentido ético romano da época de produção do relato, e de destacar a importância da feitura dos discursos pelo comandante militar, Onassandro passa a dissertar alguns conselhos a respeito da prática bélica. Antes de partir para a guerra, o general ou um sacerdote por ele indicado deve oferecer sacrifícios, pedindo a vitória ou expiando manchas.⁴¹ Após os ritos propiciatórios, deve marchar sempre em formação⁴² e saber montar um acampamento adequado. Seguem-se inúmeros conselhos sobre a melhor forma de erguer paliçadas, de cavar fossos, de organizar a disposição das tendas.⁴³ Onassandro relembra que o exército deve ser treinado mesmo em épocas de paz e indica vários tipos de exercícios.⁴⁴ Indica como proceder às pilhagens,⁴⁵ como lidar com espiões,⁴⁶

³⁶ ONASSANDRO, *Sobre o General*, XXXIV.5.

³⁷ *Ibid.*, XXXIV.6.

³⁸ DUTRA, L. M. de C. S., *Do General de...*, op. cit., p. 97.

³⁹ ONASSANDRO, *Sobre o General*, XL.1.

⁴⁰ *Ibid.*, XI.27.

⁴¹ *Ibid.*, VI.1.

⁴² *Ibid.*, VII.

⁴³ *Ibid.*, IX e X.

⁴⁴ *Ibid.*, XI.1.

⁴⁵ *Ibid.*, XI.2.

⁴⁶ *Ibid.*, XI.3.

como escolher os guardas noturnos,⁴⁷ como negociar com generais inimigos,⁴⁸ como punir os desertores,⁴⁹ como interpretar presságios.⁵⁰ Cabe ao general inclusive escolher a melhor hora para as refeições⁵¹ e dispor a cavalaria da forma mais correta.⁵² Segue alguns *topoi* militares também encontrados em outras obras, como a indicação de que nas fileiras das legiões os parentes e conhecidos devem ser posicionados juntos:

“Também cabe ao general prudente dispor irmãos junto com irmãos, amigos junto de amigos, amantes (*erastás*) junto de amados (*paidikóis*, não *erômenos*), pois quando aquele que lhe é vizinho e representa o que lhe é mais caro encontra-se em perigo, o que ama necessariamente combate de modo muito mais corajoso pelo que está próximo. E é certo que quem tem o pudor de não retribuir a gentileza recebida, envergonha-se de dar ele próprio início à fuga, abandonando seu benfeitor”.⁵³

Esta mesma lógica de disposição dos homens em combate aparece, por exemplo, na obra de Plutarco, *Diálogo sobre o Amor*, na qual este autor afirma:

“Homero distribuía os Aqueus por tribos e clãs e não colocava o amado junto de seu amante, para que daí resultasse que um escudo suportasse outro escudo, um elmo outro elmo, na lógica de que Eros é o único estrategista invencível. Na verdade, os homens abandonam os companheiros de tribo, os familiares e mesmo, por Zeus, os pais e os filhos, mas entre um amante inspirado pelo deus e o seu amado jamais algum inimigo se imiscuiu ou interpôs”.⁵⁴

Cabia também ao general gritar na ocasião do confronto: “O general deve conduzir o exército com um grito de guerra e, às vezes, até mesmo com uma corrida, pois o aspecto, o brado e o estrépito das armas confundem o ânimo dos adversários”.⁵⁵ Esta mesma predisposição a assustar o inimigo logo de cara, leva o general a exigir que seus comandados sempre portem um armamento afiado e lustrado, pois “as fileiras quando avançam parecem mais terríveis pelo brilho das armas e, por conta desta aparência, muitos temores perturbam o inimigo ao lhe caírem precipitadamente sobre os ânimos”.⁵⁶

Deveria distribuir castigos e punições na mesma proporção que presentes e honras, mantendo o sentimento de justiça sempre presente.⁵⁷ Importante seria conseguir fazer os funerais para todos que pereceram na guerra, pois enquanto no tópico anterior o

⁴⁷ *Idem*.

⁴⁸ *Ibid.*, XI.6.

⁴⁹ *Ibid.*, XI.7.

⁵⁰ *Ibid.*, XI.10.

⁵¹ *Ibid.*, XIII.

⁵² *Ibid.*, XVII.

⁵³ *Ibid.*, XXV.1.

⁵⁴ PLUTARCO, *Diálogo sobre o Amor*, Trad. Jaime Bruna, São Paulo, 1987, p. 761.

⁵⁵ ONASSANDRO, *Sobre o General*, XXX.1.

⁵⁶ *Ibid.*, XXIX.1.

⁵⁷ *Ibid.*, XXXV.

general exerceria sua *clementia*, neste ele manifestaria sua *pietas*, ao garantir que as exéquias fossem realizadas mesmo em ambiente militar.⁵⁸ Outro sentimento a ser posto em prática pelo comandante seria o de *philantropía* ou *humanitas*, ou seja, saber lidar de forma equânime com os habitantes das cidades rendidas.⁵⁹ Lembremos que as grandes conquistas territoriais já haviam se estabelecido, o que levava os romanos a precisarem reorganizar suas províncias e os acordos estabelecidos com as elites provinciais, no que concernia ao pagamento de impostos, à importação de víveres e à aquisição de escravos. Não à toa um dos principais assuntos tratados neste tópico é a rendição e à submissão à escravidão.

Onassandro se preocupa com os mais diversos assuntos. Por exemplo, com o repouso do general, para que ele esteja sempre descansado e alerta para tomar boas decisões:

“Alguém provavelmente dirá: ‘Então, o próprio general é forjado em duro ferro para sozinho permanecer sem dormir durante essas mesmas tarefas? Certamente não. Mas durante o tempo em que descansa, e esse deverá ser pequeno e abreviado, que ponha como chefe das operações um só lugar-tenente que, na sua opinião, seja dos mais fiéis e corajosos”.⁶⁰

Vemos como, em consonância com seu contexto, o autor defende o comando único, que facilitaria a tomada das decisões. Além disso, haveria um protocolo a ser seguido após a vitória, no qual o general deveria ser agradável mais que severo, evitando a rude arrogância e mantendo uma afável benevolência, “pois a primeira gera inveja e a segunda atrai a emulação”.⁶¹ O autor afirma:

“A inveja é a dor suscitada pelos bons em seus próximos, enquanto a emulação é a imitação do que há de belo nos outros. E elas diferem de tal modo entre si que enquanto o invejar é um voto de que não haja nada de bom junto do outro, o emular é um desejo de adquirir posses de igual monta. Assim, o homem bom não é somente um excelente chefe da pátria e do exército, mas também é, com vistas a uma boa reputação permanente e sem riscos a seu respeito, um general perspicaz”.⁶²

O general onassândrico é ao longo de todo o relato apresentado como um exemplo para os soldados, por isso fonte de recalcitrante emulação, “pois os soldados fazem algo não tanto compelidos pela ameaças dos superiores quanto pela movimentação dos mais respeitados. De fato, quando alguém vê o chefe pôr primeiro mãos à obra,

⁵⁸ *Ibid.*, XXXVII.

⁵⁹ *Ibid.*, XXXIX.

⁶⁰ *Ibid.*, XLIII.5.

⁶¹ *Ibid.*, XLIII.10.

⁶² *Ibid.*, XLIII.24.

compreende que é necessário apressar-se, envergonha-se de não agir e teme ser desobediente”.⁶³

Portanto, o general forjado por Onassandro congrega várias das qualidades fundamentais para o exercício de funções públicas. Num texto repleto de princípios retóricos, o que gera um relato fluido e agradável ao leitor/ouvinte, não há um só relato de batalha, mas inúmeros conselhos referentes à tática bélica, principalmente no que se refere às ações a serem empreendidas pelo comandante maior das legiões. Ele teria que desenvolver certo conhecimento de tática, geografia, retórica, astrologia e oratória, entre outros saberes, que poderiam advir da prática em campo de guerra ou também pela leitura de tratados como o oferecido por Onassandro. Somente desta forma ele seria capaz de ser um bom *exemplum* e participar ativamente do cotidiano dos soldados, garantindo a construção de um bom acampamento, proporcionando vitórias e formando bons soldados, práticas fundamentais para manter o território conquistado e a autarquia do poder imperial.

⁶³ *Ibid.*, XLIII.2.